

## RESENHA BIBLIOGRÁFICA

*JEAN PHILIPPE DAMAIS — LA NOUVELLE VILLE DU HAVRE: RECONSTRUCTION ET REPOPULATION.* *Mémoires et Documents*, tome IX, fasc. 2. Centre National de la Recherche Scientifique, Paris, 1963, 120 págs.

As destruições ocorridas na segunda guerra mundial provocaram profundas alterações na paisagem urbana da Europa Ocidental. Cidades construídas há vários séculos foram total ou parcialmente destruídas, gerando toda uma série de problemas ligados à reconstrução e repovoamento dessas áreas. Um bom exemplo é constituído pela cidade de Havre, recém estudada por Jean P. Damais que, "como muitas outras cidade francesas foi profundamente tocada pela última guerra. Mas a amplitude do desastre e a sua instantaneidade marcaram-na de uma certa originalidade. Durante toda a guerra, os bombardeios sucederam aos bombardeios. Todavia, nenhum foi tão violento, tão irremediável e tão vasto como o de 5-9-1944 que, de um único golpe, reduziu a nada tudo o que havia sido o Velho Havre, transformando em um caos de ruínas as habitações de cerca de 47.000 pessoas sobre mais de 150 hectares".

O plano divide-se em três partes, sendo a primeira dedicada ao estudo da cidade de antes da guerra. Após um breve histórico da evolução desde 1517 a 1915, o autor passa a dedicar-se às características demográficas do período de 1936-1939 e das respectivas estruturas sócio-profissionais. A segunda parte trata da reconstrução, da edificação da "cidade nova". Expondo o Plano Perret, o autor passa ao estudo do urbanismo e realizações arquiteturais e do repovoamento, mostrando que tanto o urbanismo como a distribuição e composição demográficas são diferentes da antiga cidade; a seguir analisa a estrutura demográfica e as categorias sócio-profissionais da nova população. A terceira parte dedica-se ao estudo comparativo de alguns "ilots", de como eram e como se tornaram após a destruição, analisando os conjuntos do Hotel de Ville, Foch Nord e Saint-François.

A parte reconstruída do Havre é totalmente diferente do Velho Havre, tanto pela paisagem como pela estrutura de sua população. A Ville Neuve tornou-se uma cidade residencial, em contraposição ao antigo centro comercial, surgindo uma dualidade urbana entre esta parte nova e a parte urbana antiga que permaneceu. Na verdade, houve "muito mais a criação de uma cidade nova que a reconstrução pura e simples". Este fato tem como conseqüência a oposição que se foi aumentando entre o pensamento dos reconstrutores e o dos sinistrados. Daí a presença dos inconformismos da população na posse dos novos alojamentos. A vida urbana alterou-se profundamente, tornando-se mais pacata, pois "humanamente apresenta todos os caracteres da cidade residencial clássica, mas com um conjunto de lojas típicas dos centros comerciais urbanos".

O estudo de J. P. Damais apresenta, portanto, uma minuciosa análise geográfica de uma cidade que foi vitimada pela guerra, frisando muito bem os problemas e as transformações que se operaram no decorrer dos últimos 20 anos, em que "a diferença entre as idéias e os fatos está na origem de muitos dissabores e fracassos".

*Antonio Christofolletti*

*DUAS OBRAS SÔBRE GEOMORFOLOGIA  
DAS REGIÕES SÊCAS*

O Centre National de la Recherche Scientifique apresenta em sua coleção "Mémoires et Documents" um fascículo contendo dois trabalhos sôbre a geomorfologia das regiões sêcas (1).

Estudando a parte meridional da Mauritânia, onde "a paisagem é composta pelos imensos campos de dunas fixadas por uma vegetação raquítica de árvores e arbustos espinhosos e planaltos areníticos onde a rocha geralmente aflora a descoberto", Suzanne Daveau elaborou um estudo sôbre as vertentes areníticas do Sahel mauritaniano. Estudando particularmente o maciço de Rkiz e a me-

---

(1) — Suzanne Daveau — "Étude des versants gréseux dans le Sahel mauritanien" e Jean Corbel — "Pédiments d'Arizona" — Mémoires et Documents, tome IX, fasc. 3. Centre National de la Recherche Scientifique, 96 págs. Paris, 1963.

tade norte da borda oriental do Assaba, observa que “estas duas regiões apresentam certas analogias, mas também diferenças sensíveis. Quanto à estrutura, o Assaba é constituído por um coroamento arenítico repousando sobre dolomitos que formam, às vezes, as partes inferiores das vertentes, enquanto o Rkiz é inteiramente arenítico. Os desníveis topográficos são muito maiores no Assaba, onde certas vertentes devem atingir 400 m de altura, quando as vertentes mais elevadas no Rkiz atingem somente 70 m de amplitude”. Estudo interessante, apresenta uma conclusão muito importante: “nos dois maciços da periferia desértica, nota-se que as águas subterrâneas possuem um grande papel na evolução das vertentes. Os processos superficiais de deslocamento parecem menos eficazes que os processos profundos agindo na própria massa rochosa. Os lentos deslisamentos em massa parecem ser o fator primordial da evolução das vertentes, cujo aspecto é o de detritos superficiais cobrindo uma rocha que se poderia imaginar imóvel e passiva”. Se esta influência verifica-se num área quase desértica, a sua ação cresce em importância à medida que o clima se torna mais úmido; é exatamente o que ocorreu aos climas de nossas regiões de *cuestas*. Daí decorre um bom motivo para se verificar as minúcias do mecanismo evolutivo das escarpas arenítico-basálticas da bacia sedimentar do Paraná.

“Os pedimentos do Arizona”, tornados clássicos desde 1897 com a publicação dos trabalhos de McGee, constituem o trabalho de Jean Corbel. Inicialmente, fornece um estudo descritivo dos dados básicos (geológicos, climáticos e morfométricos) e, depois, tece uma série de considerações e cifras a propósito do escoamento, erosão e morfogênese dos pedimentos. Trabalho minucioso, traz preciosas anotações sobre a nomenclatura, processos morfogenéticos e evolução desta morfologia semi-árida. Descrevendo o perfil esquemático dos pedimentos, o autor anota que “as montanhas dominando as vastas bacias desérticas possuem, em sua parte superior, declives muito fortes. Passa-se bruscamente destes declives íngremes da montanha aos declives muito mais suaves do pedimento. Entre estes dois tipos de declive geralmente existe um ângulo bem acentuado que se chama “knick”. Ao contacto com a planície, o pedimento rochoso afunda-se sob uma cobertura de aluviões, com declive ainda mais

fraco que o do pedimento. Assim, pouco a pouco, passa-se à planície de aluviões que recobre o fundo da bacia ou do vasto vale (em mexicano "play" ou "bolson"). O "knick" entre a montanha e o pedimento é por vêzes, descoberto por aluviões. Utiliza-se o termo local de *bajada* para designar esta acumulação". Levanta-se aí um problema de nomenclatura. Os manuais de geomorfologia conceituam *bajada* como semelhante a *playa*, enquanto Corbel acentua que é a cobertura aluvial encontrada nos *knicks* (2). Ao estudar o *sheetflood*, observa que "o descrito por McGee como sendo uma delgada lâmina d'água extendendo-se sôbre vastas distâncias e tudo recobrin-do, é um fato extraordinariamente raro no Arizona (...) Se se conservar o termo *sheetflood* será necessário restringi-lo ao significado de início da inundação, da chegada de uma lâmina delgada e pouco rápida sôbre um cône de dejeção muito largo ou numa planície com fraco declive, na saída de um *canyon* montanhoso".

A zona dos pedimentos é uma área privilegiada para a erosão química devido a manutenção do lençol freático no contacto entre a cobertura aluvial e a rocha sã, "sendo que o aumento local dos processos químicos sôbre os pedimentos leva a multiplicar por 6 a velocidade da erosão em relação ao resto da região" (quadro anexo). "É a predominância da erosão freática que assegura a formação de belas superfícies de pedimento. Se a erosão mecânica é muito forte, há entalhamento dos leitos e não planação". Por outro lado, em sua conclusão assegura que "na zona árida sonoriana a extensão dos pedimentos corresponde à dos domos e bacias graníticas, zona de contacto tectônico, mas também zona de contacto climático entre as neves californianas e os aguaceiros tropicais, zona de transição entre a vegetação contínua e o deserto total. É a alternância de processos químicos lentos e longos e de processos mecânicos curtos e violentos que explica os pedimentos, que sômente são ver-

---

(2) — Max Derruau, em seu "Précis de Geomorphologie" 4.<sup>a</sup> ed., 1965, à pág. 204, escreve que "a jusante, o *glacis* liga-se a um *oued*, a uma pediplanície, ou a uma zona de acumulação, o campo *d'épandage*. Nesta área de acumulação, chamada *playa* ou *bajada*, geralmente encontra-se uma lagôa temporária...".

dadeiramente ativos quando a erosão química predomina sobre a erosão mecânica”.

#### VELOCIDADE DA EROSÃO NA REGIÃO DOS PEDIMENTOS

<i>Área</i>	<i>Er. Mec.</i>	<i>Er. Quim.</i>	<i>Er. Global</i>
Torrente da montanha	5	1	6 m <sup>3</sup> /km <sup>2</sup> /ano
Pedimento	11	25	36 m <sup>3</sup> /km <sup>2</sup> /ano
Saída da bacia aluvial	5	1	6 m <sup>3</sup> /km <sup>2</sup> /ano

Estes dois trabalhos contidos nas Mémoires et Documents do C.N.R.S. apresentam grande interesse para os geomorfologistas brasileiros, tanto como comparações regionais, como também na análise dos mecanismos que atuam (ou atuaram) nas escarpas areníticas brasileiras e na região semi-árida nordestina.

*Antonio Christofoletti*